

Centro Histórico de Celorico da Beira: um Olhar Sobre o Espaço e o Edificado

Ana Penisga



ARTIGOS

Na consideração das mutações que sofre o espaço urbano, evidentemente relacionadas com a evolução demográfica, social e económica da cidade, uma das principais dificuldades reside sem dúvida no estudo das formas arquitectónicas dos edifícios urbanos.¹

RITA COSTA GOMES

A vila de Celorico da Beira possui uma posição geográfica estratégica que, acentuada pelo rio Mondego, lhe permite desfrutar de uma especificidade natural única.

Assim, Celorico da Beira foi, desde os tempos mais remotos, alvo de ocupação e permanência de populações. Por aqui terão passado romanos, godos, árabes, castelhanos e judeus. No decorrer da história a vila marcou sempre a sua presença nos mais importantes acontecimentos da nação: Reconquista, Revolução de 1383-85; Guerra dos Sete Anos; Invasões Francesas; Lutas Liberais; Rebelião Realista (1919).

Porém, a importância e notoriedade de Celorico da Beira não se confina, apenas, aos acontecimentos históricos em que teve a sua crucial intervenção ao longo dos séculos. O concelho é detentor de um considerável património paisagístico e natural, quer em termos de fauna, quer em termos de flora.

Não obstante, a ocupação humana da vila deixou-lhe também marcas



Figura 1:
Planta de evolução do edificado

Legenda:

- - ANTERIOR AO SÉCULO XV
- - SÉCULOS XV / XVI
- - SÉCULOS XVI / XVII
- - SÉCULOS XVII / XIX
- - SÉCULOS XIX / XXI

notáveis em termos histórico-arquitectónicos, que materializam no espaço a vivência resultante dessa ocupação.

Salientemos aqui as várias Casas Nobres², brasonadas ou não, dignos exemplares de uma arquitectura baseada no poder económico dos seus proprietários. Provindos de um diferente estrato sócio-económico, destaquemos os elementos vernaculares³ ainda observáveis na região, nomeadamente balcões, balcões alpendrados e/ou a distinção funcional entre o r/ch e o primeiro piso das habitações rurais. A vila é também profícua em vãos com interesse histórico-arquitectónico, donde se salientam as janelas manuelinas / quinhentistas, renascentistas e de lintel em abóbada de berço, as janelas e os portais biselados, reentrantes e os portais rústicos.

O Centro Histórico de Celorico da Beira possuiu, por volta do século XV, uma judiaria⁴. Resultante desta presença judaica existem, ainda hoje, vários edifícios que denunciam poderem ter-se tratado de habitações judaicas. Assim, podemos observar edifícios que apresentam dois portais, um mais largo de acesso ao comércio / oficina e outro, mais estreito, de acesso à habitação, bem como frestas, inscrições cruciformes, hebraicas e/ou cripto-judaicas.

Já no que respeita a outras épocas históricas, nomeadamente medieval, salientemos o imponente castelo de Celorico da Beira.

Os Centros Históricos detêm cada vez maior importância como organismos particulares, no contexto global das cidades. Estes espaços, repletos de potencial histórico e cultural, reflectem nas cidades a identidade e a memória local.

Estes núcleos mais antigos das cidades, que normalmente constituem o centro da cidade, assumem-se como “[...] o coração da cidade e o seu decair significa a falta de vida e uma quebra conjunta de orientação das pessoas no espaço vivencial.”⁵. Assim, devemos entender estes espaços como marcadores da nossa identidade. Repletos de particularismos, são eles que distinguem a individualidade de cada cidade. Aliás, como nos refere Ana Maria Morgado, estes espaços são “[...] aquilo que nos distingue na “concorrência intercidades”⁶.

Pela riqueza histórica, cultural e arquitectónica que estes núcleos

apresentam, importa preservá-los e promover as suas potencialidades. Os Centros Históricos representam, na actualidade, o desenvolvimento medieval dos espaços rurais e a sua conseqüente transformação em espaços urbanos. Não podemos esquecer que eles constituem o primeiro “[...] pulsar do Universo Urbano [...]”⁷.

A) Caracterização do espaço e do edificado

O desenvolvimento do espaço urbano respeitante ao Centro Histórico de Celorico da Beira acontece em época medieval. De facto, é com a edificação do Castelo, na época da Reconquista, que verificamos o surgimento de um núcleo “urbano” em redor deste.

O Castelo e as respectivas muralhas, foram edificados num “[...] Cabeço fortificado, a cerca de 550 m. de altitude, [...] rodeado por penedos graníticos e dominando o vale do Rio Mondego [...]”⁸. Esta localização num terreno particularmente irregular originou, no desenvolvimento da povoação, uma necessidade de adaptação às características topográficas e/ou morfológicas dessa mesma área. Como nos refere Rita Costa Gomes: “As características morfológicas do terreno constituem um condicionante fundamental da forma dos edifícios que o vão ocupar. Se a parcela pode variar nas dimensões, varia mais dificilmente de formato – e se este for irregular ou delimitado por uma área pública (rua, praça, muralha), só muito penosamente poderá evoluir para outra forma.”⁹.

Particularmente na zona que rodeia o Castelo da vila, constatamos a existência de inúmeras pequenas habitações, distribuídas por ruas estreitas e íngremes, salientem-se aqui as Ruas do Castelo e de Santa Maria (zona NE do Castelo). Os povoados da região beirã, em geral, caracterizam-se por uma concentração de casario, verificando-se mesmo um verdadeiro amontoado de casas, ficando apenas livres os estreitos e tortuosos caminhos comuns e alguns quintais pertencentes a algumas habitações. Tratava-se pois de aproveitar o espaço e adaptar-lhe o edificado.

Deste modo, verificamos que a expansão do aglomerado urbano do Centro Histórico de Celorico da Beira foi caracterizada essencialmente por uma “sujeição” ao terreno em que se enquadra.

Por outro lado, como nos referiu Rita Costa Gomes no excerto *supra*, se o surgimento de áreas públicas foi também “vítima” da já referida necessidade de ajustamento ao terreno, elas próprias acabaram por condicionar também a forma como se desenvolveu a povoação. De facto, os povoados em geral “[...] possuem quase sempre um largo que, muitas vezes, é apenas um alargamento de uma das ruas, onde se evidencia a igreja, o pelourinho, a fonte ou outro imóvel de interesse para a comunidade.”¹⁰.

Ao analisarmos a planta do Centro Histórico de Celorico da Beira identificamos cinco Praças ou Largos principais: Largo Tenente Coronel Alberto Magalhães Osório; Largo 5 de Outubro; Largo da Misericórdia; Largo do Tabuado e Praça da República. Curiosamente, verificamos que o estabelecimento destas áreas públicas está, na sua maioria, relacionada com a edificação de um monumento religioso, destaquem-se: a Igreja de São Pedro no Largo Tenente Coronel Alberto Magalhães Osório, a Igreja de Santa Maria no Largo 5 de Outubro e a Igreja da Misericórdia no Largo da Misericórdia.

Constatamos então que os factores de carácter religioso influenciaram também a estrutura dos povoados, uma vez que é, muitas vezes, em redor da igreja que se desenvolve o casario, sendo frequente ser nesta zona que a população convive e/ou até trata dos seus negócios.¹¹

Como áreas públicas entendamos também as ruas. No caso concreto aqui em estudo, o núcleo urbano organizou-se de acordo com um eixo viário principal, a antiga Rua Nova ou Rua Direita, actuais Rua Fernão Pacheco, Rua 31 de Janeiro e Rua da Misericórdia.

As Ruas Novas surgem a partir do reinado de D. Dinis como eixos viários organizadores das cidades. Trata-se normalmente de uma rua mais larga e de traçado menos sinuoso que as restantes. Ao longo do seu percurso distribuíam-se os edifícios mais importantes da cidade, nomeadamente os das famílias mais abastadas e os da administração local. Era também nesta rua que se instalavam preferencialmente os comerciantes e artesãos, uma vez que nela circulavam inúmeras pessoas, pelo que se tornava uma zona privilegiada de comércio.

A antiga Rua Nova de Celorico da Beira atravessaria toda a povoação no sentido SW / NE, fazendo a ligação entre o Largo Tenente Coronel Alberto

Magalhães Osório e, no outro extremo, o Largo do Tabuado. Portanto, este eixo viário faria a ligação entre quatro dos Largos que referimos acima: Largo Tenente Coronel Alberto Magalhães Osório; Largo 5 de Outubro; Largo da Misericórdia e Largo do Tabuado, cruzando assim as principais áreas públicas da povoação. Este caminho de ligação dos dois extremos do Centro Histórico ultrapassaria os 652 m, ou seja, mais de meio quilómetro.

Se analisarmos mais pormenorizadamente este percurso verificamos que na ligação entre os Largos, o espaço que os divide é quase equidistante. Assim, entre o Largo 5 de Outubro e o Largo da Misericórdia distam 157 m aproximadamente, entre este último e o Largo do Tabuado distam 178 m. Entre o Largo de São Pedro e o Largo 5 de Outubro distam 316 m que, curiosamente, se encontram divididos por umas escadas que dão acesso ao Castelo. Deste modo, e integrando o Castelo neste percurso de ligação entre as áreas públicas da povoação, constatamos que todas elas se encontram quase à mesma distância umas das outras.

Ao analisarmos o Centro Histórico em planta e o percurso da Rua Nova em concreto, verificamos que este apresenta um formato alongado, precisamente no sentido SW / NE. De facto, o desenvolvimento da povoação parece ter acompanhado o percurso deste principal eixo viário.

Tal como nos refere Rita Costa Gomes, “Na maioria das cidades europeias a parcela urbana medieval é alongada com uma fachada para a rua que corresponde, no mínimo, a um terço da profundidade do terreno. A disposição dos edifícios nesse espaço varia, mas a forma tende a persistir até ao século XVIII.”¹². A confirmar esta teoria temos que a zona da Praça da República, mais a Este da Rua Nova, bem como a zona a Sul e Sudoeste do Largo Tenente Coronel Alberto Magalhães Osório, parecem, de facto, ter surgido após o século XVIII. Assim, é de crer que até essa época, a Rua Nova constituiu o principal eixo viário da povoação e que ela própria evoluiu de acordo com este eixo.

B) Divisão cronológica do edificado¹³

Ao nível do edificado o Centro Histórico de Celorico da Beira possui inúmeros elementos arquitectónicos de interesse histórico. Neste sentido, e com vista a um melhor estudo deste núcleo urbano, subdividimos o edificado em cinco categorias cronológicas: anterior ao século XV; séculos XV / XVI; séculos XVI / XVII; séculos XVII / XIX e séculos XIX / XXI. Esta divisão permite-nos pois enquadrar os elementos histórico-arquitectónicos que identificámos, nas características dos estilos arquitectónicos que inspiraram a evolução do edificado do núcleo em estudo. Senão vejamos:

Anterior ao século XV

Neste período medieval, integramos unicamente o Castelo, uma vez que não nos foi possível identificar quaisquer outros elementos arquitectónicos passíveis de aqui serem inseridos.

Séculos XV / XVI

Dentro deste período correspondente à Baixa Idade Média, onde se desenvolveu ao nível da arquitectura o Gótico tardio, inserimos particularmente os elementos de estilo Manuelino / Quinhentista e os vãos biselados.

Séculos XVI / XVII

Neste período de surgimento do Renascimento, destacámos o Estilo Chão, especialmente um “sub-estilo” dentro deste: o Filipino. Assim, enquadram-se aqui as janelas de canto, os vãos com lintéis salientes e sobrepostos por frisos e as gárgulas de canhão.

Séculos XVII / XIX

Inserimos aqui o Barroco e o Tardo-Barroco, estilos arquitectónicos onde podemos inserir alguns edifícios de cariz religioso (salientem-se aqui a Igreja de Santa Maria e a Igreja da Misericórdia) e as Casas Nobres. Sendo que possuímos alguns exemplares de Casas Nobres Brasonadas e atribuíveis ao século XVIII, de um claro estilo Barroco, a maioria delas insere-se já no século XIX.

Séculos XIX / XXI

Introduzimos aqui os edifícios mais recentes deste Centro Histórico, exemplares que na maioria das vezes se encontram descontextualizados da

arquitectura vernácula beirã, muito embora não descuremos aqueles que, sendo recentes, se enquadram adequadamente neste núcleo urbano.

B) Evolução do edificado

A este propósito, e depois do que ficou dito anteriormente, não nos iremos debruçar demoradamente sobre o tema. Importa pois reter algumas conclusões fundamentais do processo evolutivo da vila de Celorico da Beira e, mais concretamente, do seu Centro Histórico.

Sobre a evolução do edificado em Celorico da Beira podemos retirar as seguintes ideias fundamentais:

- *A vila teve uma origem medieval, com a edificação do Castelo, mas sofreu um desenvolvimento notório, nos finais da Idade Média, séculos XV / XVI;*
- *A antiga Rua Direita da povoação constituiu o eixo viário fundamental da vila, tendo projectado no seu desenvolvimento um papel preponderante;*
- *Verificamos uma ocupação marcante a Noroeste do Castelo nos séculos XV / XVI;*
- *Um segundo eixo viário que influi na organização espacial da vila é, a partir de 1860 (data da inauguração), a Estrada Nacional que a atravessa. A partir do século XIX, assistimos a um desenvolvimento da vila, em redor desta via, sendo que a maior parte do edificado a Sudoeste e Sul do Castelo, para Sul da Estrada Nacional, se desenvolveu a partir do século XIX / XX.*

Notas

- ¹ GOMES, Rita Costa, *A Guarda Medieval. Posição, Morfologia e Sociedade (1200-1500)*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1987, p.66.
- ² Sobre este tema vide: PENISGA, Ana, "Casas Nobres de Celorico da Beira (Breve análise tipológica)", *Praça Velha*, ano VII, n.º 16, 1ª série, [Guarda], Câmara Municipal da Guarda, Novembro 2004, pp.37-41.
- ³ Sobre este tema vide: PENISGA, Ana, "Casa Museu do Agricultor de Prados – Uma proposta de reabilitação", *Revista Altitude*, ano LIX, n.º 6, 3ª série, [Guarda], Assembleia Distrital da Guarda, 2001, p.57.
- ⁴ Sobre este tema vide: PENISGA, Ana, "Presença Judaica em Celorico da Beira: Judiaria e Inscrições Cruciformes (Breve análise histórica)", *Praça Velha*, ano VI, n.º 14, 1ª série, [Guarda], Câmara Municipal da Guarda, Novembro 2003, pp.47-58.
- ⁵ MORGADO, Ana Maria Tomé, "Centros Históricos: Património e Identidades", *Praça Velha*, n.º 9, Guarda, Edição da Câmara Municipal da Guarda, 2001, p.57.
- ⁶ IDEM, *Ibidem*, p.56-57.
- ⁷ IDEM, *Ibidem*, p.56.
- ⁸ DIRECÇÃO GERAL DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS, "Castelo de Celorico da Beira e respectiva muralha", *Inventário do Património Arquitectónico* (<http://www.monumentos.pt>)
- ⁹ GOMES, Rita Costa, *Op. cit.*, pp.68-69.
- ¹⁰ IDEM, *Ibidem*, p.57.
- ¹¹ Cf. IDEM, *Ibidem*, p.57.
- ¹² IDEM, *Ibidem*, p.69.
- ¹³ Ver Figura 1

Bibliografia

CENTRO NACIONAL DE CULTURA, "Celorico da Beira", *Aldeias Históricas. Estudo sobre o património cultural e natural na perspectiva da sua valorização turística*, vol. I - Inventário dos recursos patrimoniais, Lisboa, Centro Nacional de Cultura, 1996, pp.257-267.

GOMES, Rita Costa, *A Guarda Medieval, Posição, Morfologia e Sociedade (1200-1500)*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1987.

MARQUES, A. H. Oliveira, "Introdução à história da cidade medieval Portuguesa", sep. *Bracara Augusta*, XXXV, 1981.

MARQUES, A. H. Oliveira, "Cidades medievais portuguesas (Algumas bases metodológicas gerais)", *Revista da História Económica e Social*, n.º 9, 1982, pp.1-16.

MEDINA, João (dir.), *História de Portugal. Dos tempos pré-históricos aos nossos dias*, Ediclube, Alfragide, [s.d.].

MORGADO, Ana Maria Tomé, "Centros Históricos: Património e Identidades", *Praça Velha*, n.º 9, Guarda, Edição da Câmara Municipal da Guarda, 2001, pp.55-59.

OLIVEIRA, Manuel Ramos de, *Celorico da Beira e o seu concelho. Através da História e da Tradição*, [2ª ed.], Leiria, Edição da Câmara Municipal de Celorico da Beira, 1997.

PENISGA, Ana, "Casa Museu do Agricultor de Prados – Uma proposta de reabilitação", *Revista Altitude*, ano LIX, n.º 6, 3ª série, [Guarda], Assembleia Distrital da Guarda, 2001, pp.55-60.

PENISGA, Ana, "Presença Judaica em Celorico da Beira: Judiaria e Inscrições Cruciformes (Breve análise histórica)", *Praça Velha*, ano VI, n.º 14, 1ª série, [Guarda], Câmara Municipal da Guarda, Novembro 2003, pp.47-58.

PENISGA, Ana, "Casas Nobres de Celorico da Beira (Breve análise tipológica)", *Praça Velha*, ano VII, n.º 16, 1ª série, [Guarda], Câmara Municipal da Guarda, Novembro 2004, pp.37-41.

RODRIGUES, Adriano Vasco, *Celorico da Beira e Linhares. Monografia histórica e artística*, 2ª ed., [s.l.], Rocha / Artes Gráficas, L.ª, 1992.

Internet

DIRECÇÃO GERAL DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS

"Castelo de Celorico da Beira e respectiva muralha"

Inventário do Património Arquitectónico

<http://www.monumentos.pt>